

SKYE MCKENNA



A BRUXA
da
FLORESTA

 **FARO**
EDITORIAL

**A BRUXA
da
FLORESTA**



Pedra de barragem

A FLORESTA

Pedra de barragem

Pedra de barragem

Coven

RIO

Taberna
The Pickled
Imp

Chalé da
Tabitha

Saltash &
Filho

Residência
da Rue

Whitby's

Loja Marchpane's

Travessa Nearwood

Feira

Rua Loft

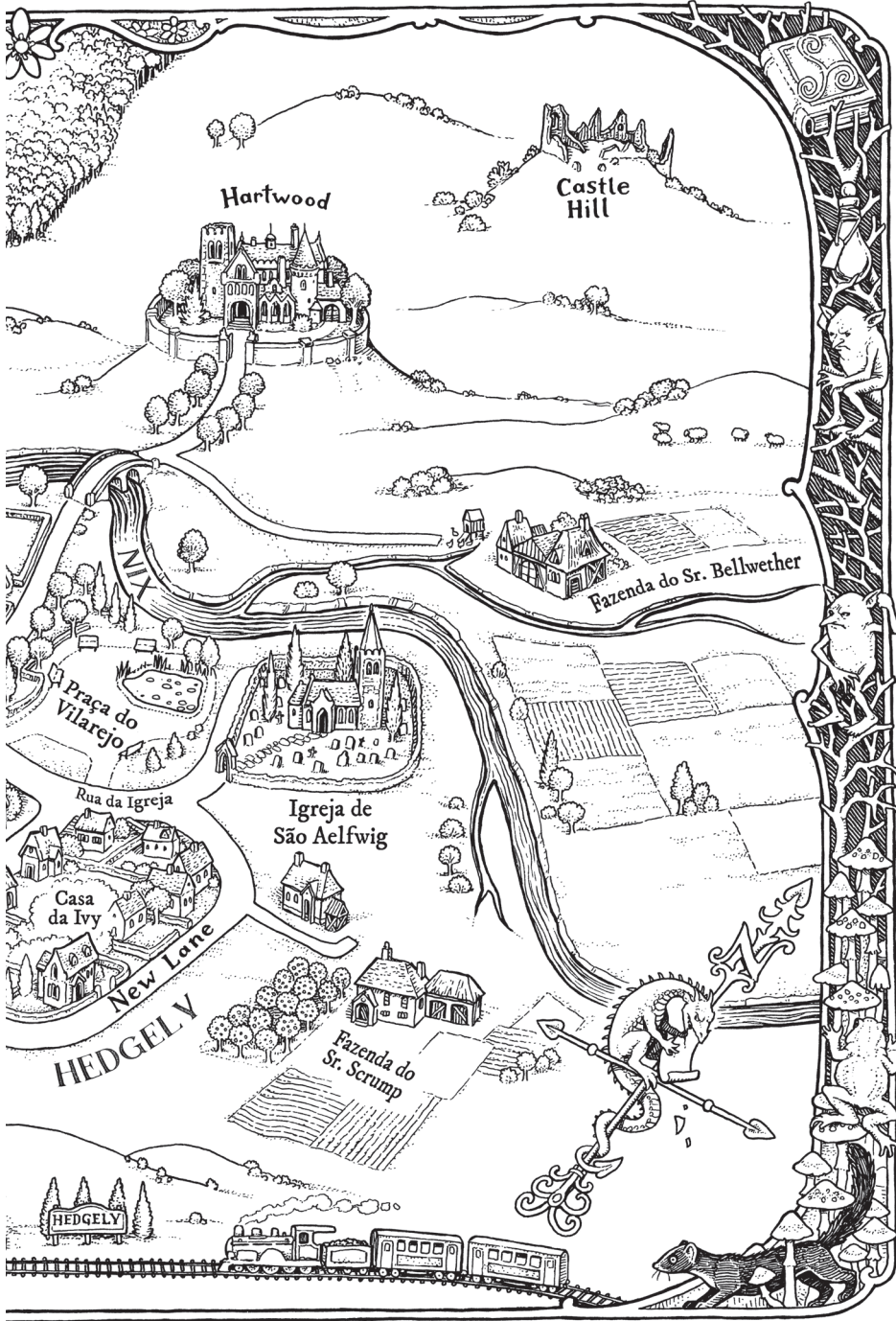
Bramble's

Loja Widdershin's

Escola do
vilarejo

Barraca do Darnwright

VILAREJO DE





SKYE MCKENNA

**A BRUXA
da
FLORESTA**

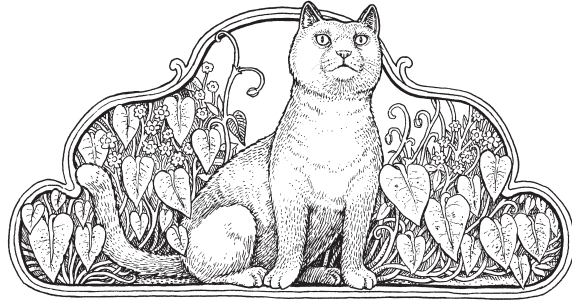
TRADUÇÃO
Carlos Szlak

 **FARO
EDITORIAL**



*Para minha mãe, que me ensinou que podemos tornar realidade
tudo o que imaginamos.*





Capítulo I

A garota invisível

Cassandra Morgan estava escondida no armário de vassouras. Apesar de parecer, não era o pior lugar para isso: uma pequena janela fornecia a iluminação, e um balde virado ao contrário servia como assento. Se o cheiro de mofo e o estranho camundongo curioso fossem ignorados, era quase aconchegante.

Cassie conhecia os melhores esconderijos da escola: o telhado do dormitório, as cercas vivas atrás do ginásio de esportes, a sala de aula que não era utilizada na ala leste. Mas naquele instante, ao ouvir o som que ela mais temia no mundo: a risada equina do time de hóquei voltando do treino — o armário de vassouras era o que estava mais próximo. No momento exato, ela entrou nele, ouvindo o barulho dos gravetos sendo quebrados e dos tênis molhados pisoteando o chão.

Com seus batimentos cardíacos voltando ao normal, Cassie se acomodou em um canto e tirou um livro da sua maleta. A sobrecapa dizia *Álgebra intermediária*, mas, sob o disfarce, o exemplar encadernado em tecido roxo tinha o título *Contos da Terra das Fadas* gravado em prata. O livro lhe custara uma barra de chocolate e meio saco de balas de menta. Os doces eram a moeda de troca não oficial da Fowell House. Cassie havia trabalhado duro por eles, fazendo os deveres das outras garotas durante meses, mas

ela teria dado uma centena de barras de chocolate em troca daquele livro se tivesse. Não era nada parecido com os outros “livros de fadas” que ela já tinha lido, cheio de criaturas delicadas saltitando sobre nenúfares. Os contos daquele livro eram extravagantes e estranhos: jovens levados por rainhas e donzelas encantadas que dançavam a noite toda em volta de cogumelos venenosos; violinistas que vagavam por colinas tocando músicas por uma noite e, depois, descobriam que cem anos tinham se passado; crianças que se deparavam com portas secretas que levavam a cidades iluminadas pela luz das estrelas.

Cassie não acreditava em fadas; era muito velha para aquilo. Mas ela quis saber a origem das histórias. Na biblioteca da escola, na seção “398.4 — Sobrenatural. Espíritos bons e maus. Fantasma”, Cassie encontrou um único livro na prateleira: *Terra das Fadas e outras falácias*, de A. B. Iffy. Para o autor, os avistamentos de fadas podiam ser explicados por fenômenos meteorológicos incomuns ou pelo consumo de queijo antes de dormir.

Mas realmente não lhe importava se as histórias eram verdadeiras ou não: por alguns momentos furtivos, todos os dias, entre as aulas ou enfiada sob as cobertas com uma lanterna, Cassie podia escapar do time de hóquei, da matemática e do pudim de tapioca para entrar nas clareiras do bosque sob o luar.

O conto que ela estava lendo naquele momento era a respeito de uma fada que concedeu três desejos a um lenhador. É claro que ele havia desejado coisas inúteis como fama, riqueza e se casar com uma princesa.

Se Cassie tivesse direito a três desejos, sabia exatamente o que iria pedir. Em primeiro lugar, ela desejaria ter mais livros. A Fowell House tinha uma biblioteca, mas cheia de livros didáticos sem graça. Além disso, as meninas não podiam ler nada que não fosse estritamente educativo. O corpo docente dizia que as alunas tinham deveres suficientes para mantê-las ocupadas e que elas deveriam melhorar as suas mentes com conhecimento prático e útil, e não com faz de conta.

Apesar disso, Cassie tinha conseguido montar a sua própria biblioteca secreta. Havia uma tábua solta no assoalho sob a sua cama e debaixo dela havia bastante espaço para esconder alguns livros. O único problema era que ela já os havia lido tantas vezes que sabia as palavras de cor.

O segundo desejo de Cassie seria embarcar em uma aventura, como as garotas e os garotos das suas histórias. Nada de interessante acontecia na Fowell House, e ela não podia ir além dos limites da escola. Na aula, Cassie

costumava devanear a respeito de sair voando pela janela e passar por cima da alta cerca de ferro. Uma vez livre, Cassie viajaria pelo mundo, encontrando amigos e inimigos e salvando os inocentes dos ímpios.

O terceiro desejo de Cassie era algo que ela raramente se permitia pensar, era o seu maior desejo. Porém, ao longo dos anos, parecia cada vez mais difícil acreditar que se tornaria realidade. A certeza que sentira um dia havia se reduzido a um fiapo de esperança. Mais do que tudo, Cassie queria voltar a ver a mãe.

O sinal da escola tocou. Cassie fechou o livro e juntou as suas coisas.

A Fowell House era composta por dois prédios independentes: o dos anos iniciais do ensino fundamental, onde Cassie havia morado até os onze anos, e o dos anos finais do ensino fundamental, onde ela estava naquele momento. O segundo prédio era construído com tijolos vermelhos e tinha quatro alas que se estendiam a partir do saguão principal, como se fosse uma grande fera vermelha com as pernas estendidas em ambos os lados. Todas as janelas tinham grades e havia rumores de que a Fowell House havia sido uma prisão, o que Cassie não achou difícil de acreditar.

O refeitório ficava no centro da escola, era o ventre da grande fera. Cassie chegou nele bem a tempo de entrar na fila para o jantar. Serviram-lhe o mesmo prato que era servido todas as segundas-feiras: ensopado de carneiro. Ou seja, alguns pedaços grumosos, que com sorte podiam ser carne, dispersos em um molho aguado e cinzento, acompanhados de batatas amassadas, que tinham a consistência de areia molhada, e ervilhas frias. Era uma perspectiva pouco apetitosa, mas como Cassie tinha trocado a sua última barra de chocolate pelo livro não poderia pular o jantar.

Ela procurou uma cadeira. O time de hóquei ocupava o melhor lugar, ao lado do único aquecedor do refeitório. As outras garotas estavam sentadas em grupos ou duplas, conversando a respeito do dia ou brincando com a comida. Cassie encontrou uma cadeira o mais longe possível do time de hóquei e, infelizmente, do aquecedor. As duas garotas perto dela se afastaram, mas Cassie estava acostumada com isso e não deu atenção. Ela pegou um bocado de batata com o garfo e se preparou para dar a primeira mordida.

Nos primeiros anos do ensino fundamental, Cassie fizera algumas amizades. Todas as meninas começaram naquela escola juntas e sentiam saudades dos pais e de casa. Porém, durante as férias e no Natal, as outras garotas iam para casa, deixando Cassie para trás. Ela não podia convidá-las para ficarem no colégio durante as férias e não podia sair para tomar

chá quando as mães delas vinham visitá-las. Assim, Cassie nunca tinha se tornado muito popular e, com o passar dos anos, ficava cada vez mais tempo sozinha. Ela havia administrado isso bem, acompanhada por seus livros e devaneios, até ir para os anos finais do ensino fundamental no ano anterior. Foi então que ela cometeu o seu erro fatal: Cassie enfureceu Lizzie Bleacher.

Lizzie era a garota mais popular da Fowell House. Ela não era bonita, nem brilhante, nem mesmo boa nos Jogos, apesar de ser a capitã do time de hóquei. Porém, por ter biótipo forte, com braços parecendo almofadas e faixa preta em judô, Lizzie reinava na escola por meio do terror. Era prova de sensatez não a desagradar se você quisesse que o formato original do seu nariz fosse mantido.

Ter as suas calcinhas amarradas no mastro da bandeira ou a sua cabeça enfiada na privada por Lizzie e suas amigas era apenas parte da iniciação nesse novo prédio. Você tinha que aguentar firme e chorar mais tarde em seu traveseiro. Você não podia ser respondona e certamente não deveria corrigir Bleacher pelo uso da palavra “dilema”.

Esse ato custara a Cassie os últimos momentos de felicidade na Fowell House. Anteriormente, ela tinha sido simplesmente não popular, agora era impura. Ser vista com Cassie significava ser colocada na lista negra de Lizzie Bleacher; Cassie não podia culpar ninguém por querer evitar aquilo. As outras garotas não faziam contato visual com ela nos corredores. Se ela pedia para passarem o sal no jantar, elas fingiam não ouvir. Ninguém compartilhava um livro com ela na sala de aula ou formava dupla com ela nos Jogos.

Se era para ser invisível, Cassie decidiu, ela faria a transformação completa. Assim, ela mantinha a cabeça baixa nas aulas, sentava-se sozinha durante as refeições e passava a maior parte do tempo livre escondida. Depois de um tempo, até os professores e professoras pararam de notá-la. Às vezes, ela se perguntava o que aconteceria se desaparecesse. Quanto tempo levaria até que percebessem? Será que notariam?

— Meninas, sua atenção, por favor! — intimou uma voz estridente atrás dela.

Todas as cabeças se voltaram para a porta. A mulher parada ali tinha cabelos grisalhos em um corte de poodle e estava vestida de bege da cabeça aos pés. Era a sra. Pike, a professora que Cassie menos gostava, embora a concorrência fosse acirrada.

Era incomum ver um professor ou professora no refeitório, eles tinham a própria sala comunal no andar de cima, onde, segundo rumores, comiam salsichas e bacon no café da manhã e tomavam chá acompanhado, de vez em quando, de bolo de limão. Junto à porta, a sra. Pike ficou olhando para elas com o seu nariz comprido.

— Vim informá-las de algo que sem dúvida vocês ouvirão de algum colega em breve. Porque queremos evitar rumores exagerados e pânico desnecessário — a sra. Pike disse e pigarreou. — A situação está sob controle e não há motivo para alarme ou histeria. Os seus pais receberão uma carta da diretora explicando as circunstâncias e deixando claro que a escola não é de forma alguma responsável pelo que aconteceu. A polícia vai fazer uma breve visita amanhã e vocês não devem incomodar os policiais. Se falarem com vocês, cooperem ao máximo. Enquanto isso, nenhuma aluna poderá sair da escola sob nenhuma circunstância. Alguma pergunta?

As garotas se entreolharam assustadas. Cassie estava tão curiosa quanto as outras, mas relutante em chamar a atenção para si mesma fazendo perguntas. Finalmente, uma das alunas do último ano levantou a mão.

— Por favor, professora, o que aconteceu?

— Eu não disse para vocês? Uma garota desapareceu.